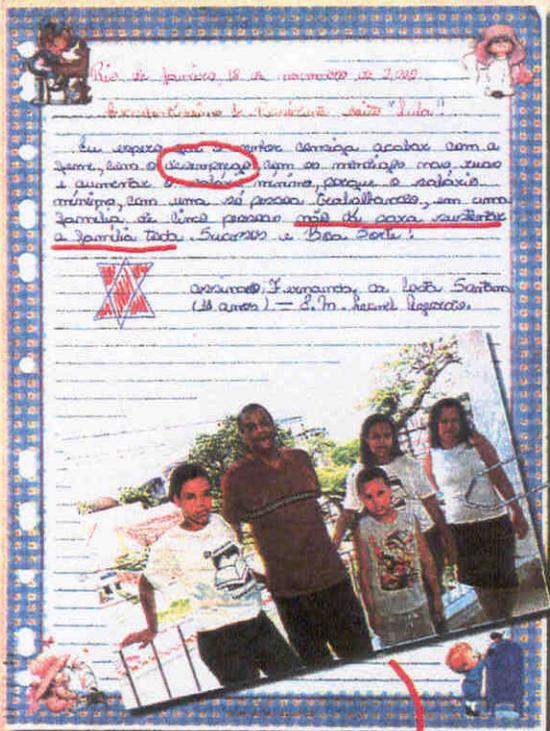


INFÂNCIA CIDADÃ

crianças exigem seus direitos

Elas têm poucos anos de vida, mas sabem bem o que querem. Vêm do mundo com olhos infantis, mas demonstram maturidade. E não pedem só para si. Estão atentos ao sofrimento do vizinho, do colega da escola, entendem o drama enfrentado pelos próprios pais e até pelos desconhecidos nas ruas. A pedido do DIA, 222 crianças e adolescentes de 17 colégios públicos do Estado do Rio escreveram redações sobre o que esperam do Brasil a partir da posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A idéia era mostrar o País do ponto de vista deles, revelando quais são os problemas que mais mexem com seu dia-a-dia e ocupam espaço nas suas preocupações. Na briga por direitos básicos, a luta

pela sobrevivência - vivida em casa ou por outras crianças - é descrita sem rodeios. Emprego, por exemplo, é uma das palavras mais repetidas nos textos e, por isso, foi escolhida para ser o tema inicial das reportagens. Os jornalistas Fabrício Marta, Patrícia Melo e Souza, Simone Noronha, Nádia Bomfim, Juliana Fernandes e Francisco Edson Alves fizeram a seleção das redações e apresentam a partir desta edição as Impressões e a vida de jovens estudantes de Petrópolis, Mesquita, Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Barra Mansa, Volta Redonda, Macaé, Campos, São João da Barra e Rio de Janeiro. Conheça nesta série especial o que pensam os meninos e meninas do Rio.



A FAMÍLIA de Fernanda (E) mudou o padrão de vida devido à ameaça de demissão do pai, Fernando Ernesto, de uma empresa. Ele lamenta não poder manter os três filhos em escolas particulares

'Meu pai não compra mais biscoito'

Quando Fernanda da Costa Santana, 11 anos, escreveu sua redação, levou para o papel um pouco de angústia vivida diariamente por sua família. Seu pai, Fernando Ernesto Lima Santana, 48 anos, trabalha como supervisor de despacho de uma empresa de transporte aéreo. A firma, que já foi líder de mercado no País, pode fechar as portas. "Meu pai não compra mais biscoito e iogurte, mas a gente já se acostumou. Lá em casa, o importante é arroz, frango e feijão", conta a menina, que sonha em ser médica e ganhar uma bicicleta de presente de Natal, para brincar com os dois irmãos. A mãe da estudante da Escola Municipal Leonel Azevedo, na ilha do Governador, Lúcia de Costa Santana, 37 anos, dona-de-casa, lamenta a situação. "Amanhã, ele pode ir trabalhar e descobrir que está desempregado", afirma.

Para Fernando, a maior dor é não conseguir manter os filhos em escolas particulares. "Estou sem aumento há seis anos, pago aluguel e impostos. A economia que faço com a escola pública me possibilita dar algum conforto a eles", explica. Ele se queixa do déficit de professores no quadro das unidades. O pai de Fernanda é apenas um dos brasileiros que viram seu poder aquisitivo despencar ao longo dos últimos anos. Em outubro, o IBGE constatou que a renda média do trabalhador estava em queda consecutiva há 20 meses. O relógio da crise funciona implacavelmente: o rendimento médio das pessoas na Região Metropolitana do Rio, apenas de agosto a setembro, sofreu queda de 3,2%. O técnico e economista do Departamento Interdisciplinar de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) Adhemar Mineiro explica que o decréscimo foi registrado em to-

das as áreas da indústria e comércio durante o ano. Só o mercado de exportações foi poupado. No Estado do Rio, o setor que mais cresce é o petrolífero, que tem baixa capacidade de gerar empregos. Por isso, apesar da expansão econômica, não são abertos postos de trabalho. A sombra do desemprego que ronda a família Santana é perversa. Ela afeta as pontas da população: os mais velhos e os mais jovens, além das mulheres e negros. O problema consegue tomar pior a vida das minorias que há séculos lutam por igualdade. Mas a pequena Fernanda já tem a solução para os problemas do Brasil. "Quando o preço do dólar cair, o País vai melhorar. O Lula vai aumentar o salário e distribuir creches básicas para as crianças que passam fome", prevê. Quisera o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, que as crianças tivessem sempre razão.

'Queria que tudo fosse diferente'

"Tem dias em que não temos o que comer. Ai, tento me concentrar nos estudos para não pensar na vida". Aos 13 anos, Severino Ramos Rodrigues Júnior enfrenta um duelo de sentimentos. Morador da Favela de Antares, em Santa Cruz, ele sonha com a Faculdade de Direito. Mas o pensamento do menino, que cursa a 7ª série do Ensino Fundamental na Escola Municipal Aldebarã, é acotovelado a todo instante por uma realidade assustadora. É a única que ele conhece. "Os bichinhos pedem as coisas no supermercado, mas não temos dinheiro para comprar. Isso dói demais. Mas eles acabam entendendo", diz Rosalinda Araújo, mãe de Severino. Ela, secretária, e o marido, Severino Ramos Rodrigues, pedreiro, estão desempregados. Wellington, 11 anos, é o segundo filho do casal. A situação financeira dos pais - a maior preocupação do menino - foi relatada por ele na redação ao presidente

eleito. "Queria que tudo fosse diferente para todos os pais e mães do Brasil inteiro", exclama Severino, que é evangélico e gostaria de ganhar um computador no Natal. "E pensar que a família Araújo trocou as dificuldades de cativeira cidade de Timbóba, em Pernambuco, há dois anos, para tentar a sorte no Rio. "Agora, meu marido vive de biscates. Às vezes, passa mais de três meses parado", lamenta a dona-de-casa. Atualmente, quase 58% das famílias pobres são chefiadas por trabalhadores autônomos, empregados informais ou sem remuneração, segundo o estudo Combate Sustentável à Pobreza, da Fundação Getúlio Vargas. Hoje, há mais de 42 milhões de trabalhadores informais subempregados, sem direitos ou garantias trabalhistas em todo o País. De cada 10, seis estão excluídos da Previdência Social. A tristeza de Severino diante do desemprego dos pais é combatida pela vontade de lu-

tar contra a maré de angústias que ronda sua família e praticamente toda a comunidade onde vive. "Quero estudar, ser alguém na vida, ajudar meus pais e comprar uma casa para eles e meu irmão", afirma Severino. E a escola é prioridade para a mãe do menino, que pede para estudar na série em que ele está hoje. "Estava, mãe, já passei de ano!", corriqueiro e garoto, enquanto ela prossegue: "Ninguém vai arrancar a sabedoria do meu filho. Eu me arrependo até hoje de não ter continuado os estudos. Mas tive que parar para casar e trabalhar". No casebre apertado onde mora com o irmão e os pais, Severino nem parece aquele que listou propostas e ditou conselhos para Lula. Ele bem que tenta, mas o olhar desvia. E a voz quase caí da diante da vergonha de receber o DIA em sua casa improvisada. "Ele já nervoso que só. Choro e quase passou mal", contou, timidamente, Rosalinda.

COM O PAI e a mãe desempregados, há dias em que Severino e o irmão não têm o que comer. Para esquecer o problema, ele mergulha nos estudos: "Assim consigo parar de pensar na vida e na nossa situação financeira".



Seu pai não compra mais biscoito e iogurte, mas a gente já se acostumou. Lá em casa, o importante é arroz, frango e feijão. Eu quero estudar, ser alguém na vida, ajudar meus pais e comprar uma casa para eles e meu irmão. Eu me arrependo até hoje de não ter continuado os estudos. Mas tive que parar para casar e trabalhar. No casebre apertado onde mora com o irmão e os pais, Severino nem parece aquele que listou propostas e ditou conselhos para Lula. Ele bem que tenta, mas o olhar desvia. E a voz quase caí da diante da vergonha de receber o DIA em sua casa improvisada. "Ele já nervoso que só. Choro e quase passou mal", contou, timidamente, Rosalinda.

Nova política, a solução

Para especialistas, o aquecimento do mercado de trabalho passa não só por uma nova política econômica que busque o crescimento do País, mas também por investimentos na área social. Para Marcelo Côrtes Neri, Ph.D em Economia pela Faculdade de Princeton, nos Estados Unidos, e

chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, é preocupante a situação dos desempregados no País: 59% deles estão abaixo da linha da miséria. Mas resolvendo o desemprego, a miséria não acabará. Os desempregados representam apenas 7% dessa fração da so-

cidade. Segundo Neri, o desemprego aumentou durante as crises externas de 1997, 98, 99 e piorou com a crise da energia elétrica, a derrubada da Argentina e a recessão americana. "É preciso que o Brasil volte a crescer de maneira sustentável. O caminho e difícil, pois dependemos da economia externa", afirma. Ele acredita que também sejam necessárias mudanças nas

leis. "Como a juventude é a mais afetada pela crise, programas como o Primeiro Emprego, em que o Governo arca com os custos trabalhistas e paga um salário mínimo (R\$ 200) durante um ano, podem surtir efeito significativo", afirma, acrescentando que o investimento do Governo na área social, que faz uso intensivo de mão-de-obra, também deve ser um dos recursos adotados.

Adhemar Mineiro, técnico e economista do Departamento Interdisciplinar de Estatística e Estudos Socioeconômicos, alertado para as taxas de desemprego registradas em São Paulo mais de um ano: "Para nós não se esquecermos, é fundamental a redução dos juros, incentivando a volta do consumo. O investimen-

to público em saneamento e habitação também abrirá vagas de trabalho", garante. O economista explica que o Governo atualmente valoriza políticas compensatórias, como os programas Bolsa-Escola e Bolsa-Alimentação: "Eles distribuem a renda, mas não geram emprego. Investindo em obras não se aquece apenas a indústria da construção civil, mas todo o mercado".